O REINO ESQUECIDO

NOVA COLEÇÃO BÍBLICA

- *As parábolas de Jesus*, J. Jeremias
- *História de Israel*, J. Bright
- *Introdução aos livros apócrifos e pseudepígrafos do AT e aos manuscritos de Qumrã*, L. Rost
- *Introdução ao Novo Testamento*, W. G. Kümmel
- *A comunidade do discípulo amado*, R. Brown
- *A Bíblia, a arqueologia e a história de Israel e Judá*, José Ademar Kaefer
- *O reino esquecido – Arqueologia e história de Israel Norte*, Israel Finkelstein

ISRAEL FINKELSTEIN

O REINO ESQUECIDO

Arqueologia e história de Israel Norte

PAULUS

Título Original: *Le royaume biblique oublié – Archéologie et historie d'Israël*
Copyright © Éditions Odile Jacob, 2013
ISBN 978-2-7381-2947-5

Esta obra foi elaborada a partir de conferências proferidas pelo autor no *Collège de France*.

Tradução: *Silas Klein Cardoso*
Élcio Valmiro Sales de Mendonça

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Assessoria bíblica: *Paulo Bazaglia*
Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*
Coordenador de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Revisão: *Tiago José Risi Leme*
Caio Pereira
Diagramação: *Ana Lúcia Perfoncio*
Capa: *Marcelo Campanhã*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Finkelstein, Israel
O reino esquecido – Arqueologia e história de Israel Norte / [tradução Silas Klein Cardoso]. – São Paulo: Paulus, 2015. – (Coleção Bíblica)

Título original: *The forgotten kingdom: the archaeology and history of Northern Israel*.
Bibliografia.
ISBN 978-85-349-4239-3

1. Arqueologia 2. Bíblia - Antiguidades 3. Bíblia - Autoridade, testemunhas etc. 4. Bíblia - História 5. Israel - História 6. Judeus - História I. Título. II. Série.

15-07864 CDD-220.95

Índices para catálogo sistemático:
1. Bíblia: Arqueologia: Historicidade 220.95

1ª edição, 2015

© PAULUS – 2015
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4239-3

APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA

José Ademar Kaefer

A arqueologia teve e tem um papel determinante na pesquisa bíblica, principalmente no que tange à história de Israel e Judá. Ela ajuda a conhecer melhor o modo como as pessoas do mundo da Bíblia viviam, como se organizavam em comunidades, o que produziam e o que comiam. Ajuda a conhecer melhor a cultura do povo do campo e da cidade, suas festas e sua religião. Ajuda a conhecer a geografia, o clima, o comércio local e internacional, a importância das rotas comerciais e a organização político-econômica. Ajuda a conhecer melhor os Deuses e Deusas cultuados pelo povo da Bíblia, o que por sua vez amplia a compreensão do Deus Javé, que acabou prevalecendo sobre os demais. Assim, apoiando-se na arqueologia, o estudo bíblico auxilia na percepção mais humana de Deus que age na história ontem e hoje. Pois a Bíblia é um espelho para as pessoas se verem e avaliarem sua conduta em todos os tempos e se sentirem amparadas na labuta cotidiana pela vida.

Evidentemente as novas descobertas podem causar certo desconforto na forma pela qual interpretamos os fatos narrados na Bíblia, pois somos pessoas de fé e gostamos de portos seguros para navegar. Mas, quando se estuda, é preciso estar aberto ao novo, ao desconhecido e ao diferente, pois assim é a dinâmica da investigação: quanto mais se busca, mais se acha e maior fica o panorama interpretativo. Foi assim, por exemplo, quando se descobriu que os relatos da criação e do dilúvio narrados no Gênesis têm paralelos em outras culturas, muito mais antigos, e que foram inspirados neles. Ou que as narrativas sobre os patriarcas e matriarcas são tradições independentes, que só mais tarde foram unidas sob um único patriarca. E que, na realidade, a tradição de Jacó é muito mais antiga que a de Abraão. Ou ainda, que Israel, enquanto povo, não se formou fora de Canaã, mas é essencialmente

cananeu, e que, portanto, a conquista da terra prometida não pode ter sido factual. A partir disso, se deve perguntar a respeito do Êxodo; é ele também uma tradição que surgiu dentro de Israel? Como fica, então, a caminhada pelo deserto, é ela uma tradição independente e que só mais tarde foi juntada à tradição do Êxodo?

Nos últimos anos, a teoria que vem tendo grande revés é a da Monarquia Unida sob os reinados de Davi e Salomão. A arqueologia tem comprovado que aquilo que se atribuía nas décadas de 1960 a 1980 a Salomão pertencia, na verdade, aos reis de Israel Norte: Omri, Acab e Jeroboão II. E que a primeira monarquia desenvolvida em Israel não foi estabelecida por Davi e Salomão, mas pela dinastia omrida de Israel Norte. Ou seja, se de um lado a grandeza do reinado de Davi e Salomão está desmoronando ou já desmoronou, por outro se está descobrindo ou se está "desenterrando" uma nova grandeza: Israel Norte, "o Reino esquecido".

Israel Finkelstein

Nesse despertar de novos tempos da arqueologia em todo o Levante e nos novos resultados por ela alcançados, tem um papel preponderante o arqueólogo Israel Finkelstein. Professor do Departamento de Arqueologia e Civilizações do Antigo Oriente Próximo da Universidade de Tel Aviv e diretor da expedição Meguido, Israel Finkelstein é um dos arqueólogos mais proeminentes da atualidade. Inicialmente se dedicou às escavações e estudos dos sítios arqueológicos do Planalto Central de Israel, como Gibeon, Silo, Siquém e Tersa. Um dos frutos desse estudo, além de diversos artigos, é o seu livro *The Archaeology of the Israelite Settlement*, publicado em 1988. A esse, seguiram-se dezenas de artigos e outros livros, entre eles o *State Formation in Israel and Judah*, publicado em 1999, onde Finkelstein avança na pesquisa dos sítios arqueológicos de Meguido, Samaria e Jezreel, para provar sua teoria de que, anteriormente a Judá, houve um maior desenvolvimento em Israel Norte, onde o clima é mais propício à agricultura e a planície é mais fértil que as montanhas e o deserto de Judá. Fatores esses que foram determinantes para o povoamento primeiro e maior no Norte.

O livro que se tornou um marco e que fez pender de vez o pêndulo para o lado oposto da teoria da Monarquia Unida foi escrito em 2001 em conjunto com Neil Asher Silberman: *The Bible Unearthed*. Nesse livro, que foi traduzido em várias línguas, também ao português, sob o lamentável título *A Bíblia não tinha razão*, Finkelstein reúne o essencial dos seus escritos de anos de escavações e de estudos e de uma maneira muito clara mostra como a arqueologia ajuda a entender o que está por trás dos livros históricos da Bíblia e como eles precisam ser relidos e reinterpretados. Fica evidente também nesse livro que Finkelstein, juntamente com uma nova geração de arqueólogos, inaugura uma nova forma de fazer arqueologia, não só com novos métodos, mas, sobretudo, com uma nova postura. Supera-se a atitude do arqueólogo que se dirige ao sítio arqueológico tendo em uma mão a picareta e noutra a Bíblia, já sabendo *a priori* o que vai escavar. Na nova postura, deixa-se a Bíblia de lado e se faz simplesmente arqueologia. Uma vez concluídas as escavações, se apresentam os resultados à comunidade científica. Cabe aos biblistas compará-los com o texto bíblico e fazer sua leitura a partir dos novos dados.

Depois desse livro, que consagrou Israel Finkelstein, seguiram-se outros dois, que ampliam o debate, principalmente em torno do Davi e Salomão históricos, de como a arqueologia tem investido esforços na busca por sinais deixados pelos reinados desses dois reis e de como os resultados têm sido frustrantes. Buscava-se por Davi e Salomão e se encontrou Omri, Acab e Jeroboão II. Os dois livros a que nos referimos são: *David and Salomon* (2006), também em conjunto com Neil Silberman, e *The Quest for the Historical Israel* (2007), este organizado por Brian Schmidt e que traz vários textos em debate com o arqueólogo Amihai Mazar da Universidade Hebraica de Jerusalém.

A grande base para as pesquisas de Israel Finkelstein tem sido Meguido, onde ele coordena as escavações desde a década de 1990. Esse Tel [sítio arqueológico] é o que melhor representa a história da arqueologia em Israel e por isso um dos mais cobiçados pelos arqueólogos. Finkelstein fez de Meguido uma espécie de laboratório para os novos métodos de se fazer arqueologia, pois a estratigrafia nesse sítio é muito bem definida. De 2010 a 2014, coordenou o projeto "Expedi-

ção Meguido", financiado pela Comunidade Comum Europeia, com a participação de grande número de pesquisadores. O fator que iniciou toda a revolução da arqueologia na compreensão da história de Israel e Judá são as novas datações que estão sendo estabelecidas com o auxílio de várias ciências, como a física, a biologia e a matemática em vários sítios arqueológicos do Levante, mas particularmente em Meguido. O maior avanço da arqueologia nos últimos anos foi no sistema de datação. Esse avanço se deve principalmente à introdução do uso do radiocarbono na análise de amostras. Há 25 anos se utilizava como referência a cronologia egípcia e assíria, e hoje se estabelece a datação a partir da análise de amostras em laboratório pelo radiocarbono. Para aprimorar os resultados do estudo das datações, Finkelstein e sua equipe abandonaram o estudo integral das camadas e se concentraram somente nos períodos da Era do Bronze e do Ferro. Outra diferença considerada foi a diminuição do espaço cronológico dos períodos estudados. O normal na análise de amostras na arqueologia é fazer a contagem a cada duzentos anos, Finkelstein e sua equipe, no intuito de alcançar maior precisão, tomaram amostras de cada 25 anos. Evidentemente isso aumenta o trabalho, mas diminui o risco de erro de se atribuir a um rei aquilo que pertencia a outro. Foi o que aconteceu nos anos de 1960 a 1980, quando se atribuiu a Salomão as obras que eram do rei Acab.

Os resultados das escavações de Meguido estão publicados numa série de vários volumes organizados em cinco seções. As seções coordenadas por Israel Finkelstein e David Ussishkin são as duas últimas: Meguido IV, que compreende as temporadas de escavações de 1998-2002, publicada em 2006; e Meguido V, que compreende as temporadas de 2004-2008, publicada em 2013. Atualmente Israel Finkelstein coordena vários projetos de pesquisa, tanto em Israel Norte, como no sul, no deserto do Neguev, mas a base continua sendo Meguido.

O Reino Esquecido

Com o panorama apresentado acima sobre as escavações e publicações de Israel Finkelstein, é possível ter uma ideia da importância do material que está sendo colocado em suas mãos, caro leitor e leitora,

ou seja, o histórico de pesquisas que precedem os resultados apresentados no presente livro.

A obra se divide em sete capítulos e tem como tese principal a importância de Israel Norte, o Reino esquecido. No primeiro capítulo, Finkelstein apresenta sua pesquisa sobre os assentamentos das terras altas e baixas de Israel Norte, entre as Eras do Bronze Tardio e Ferro I, e o fim das cidades-Estado cananeias. Ele toma como referência principal as escavações feitas nos sítios arqueológicos de Siquém e de Silo. No segundo capítulo, Finkelstein parte dos vários sítios escavados no Planalto Central de Israel Norte e identifica ali a primeira entidade israelita surgida por volta do século X a.C. Por trás desta entidade estaria a casa de Saul, que tinha as cidades de Gibeón e Betel como centro do seu reinado. Alguns textos do Primeiro Livro de Samuel guardariam memória desse reino, que teria sido destruído pela campanha do faraó egípcio Sheshong I. Khirbet Qeiyafa, um sítio escavado recentemente a sudoeste de Jerusalém, teria sido um posto avançado de Saul para o controle da fronteira sul do território.

O terceiro capítulo trata dos primeiros dias do reino de Israel Norte, após a derrocada para Sheshong. O centro agora já é a capital Tersa ou Tirza (Tell el-Fa'rah), onde reina Jeroboão I, possivelmente colocado ali por Sheshong I. Com o capítulo quatro, o livro entra no seu tema central, que é o reino de Israel Norte sob a dinastia dos omridas. Finkelstein toma como base principal as construções omridas de Samaria, Jezreel, Hazor, Jahaz e Atarot, entre outros, para mostrar que, nesse reinado de quarenta e dois anos (884-842), Israel Norte atingiu um desenvolvimento sem precedentes. A dinastia omrida impôs seu domínio em boa parte do território arameu e alargou suas fronteiras até Dã, Norte, Negev, no sul de Judá, e grande parte do território da Transjordânia. Sua importância internacional se encontra citada em três estelas: a de Samanassar III, de Mesha e de Dã.

No quinto capítulo, o livro aborda a derrocada da dinastia omrida e a perda de boa parte do seu território para Hazael, rei de Damasco. Depois de um longo período de submissão ao domínio arameu, que amplia e investe no desenvolvimento de pequenos reinos no sul da Jordânia, Israel Norte renasce com Jeroboão II. Isso é possível graças ao avanço do Império Assírio, que derrota Damasco e concede privi-

légios ao rei de Israel. É um novo florescimento em que Israel Norte retoma suas antigas fronteiras. Uma prova dessa nova expansão são os achados de Kuntilet Ajrud, um grande entreposto no deserto do Sinai, que revelam a presença do domínio de Jeroboão II nessa região.

No capítulo sexto, Finkelstein trata dos mitos ou tradições que deram origem a Israel: o ciclo de Jacó e o Êxodo. O de Jacó é mais antigo, mas ambos se formaram primeiro como tradição oral nos santuários centrais de Siquém, Betel e Fanuel, para depois serem postos por escrito. No capítulo sétimo, o autor aborda o "fim" de Israel Norte, com a captura da capital Samaria pelos assírios e a deportação de sua população. Mostra também como nesse período Judá, com sua capital Jerusalém, passa por um grande aumento populacional, resultante da migração do Norte, e um consequente desenvolvimento econômico. Começa, então, uma nova história de Israel, agora integrada a Judá; é o início da redação deuteronomista. É nesse momento que as tradições do Norte são incorporadas na história de Judá e contadas como suas.

Temos em mãos, portanto, uma produção bíblico-arqueológica consistente, escrita por quem é autoridade no assunto. Uma obra que analisa a história dos povos da Bíblia a partir de Israel Norte, o reino que foi ocultado e desconsiderado pelos redatores jerosolimitas, e como tal tem sido lido pelo mundo acadêmico. *O Reino esquecido* prima pelo novo e abre a porta para temas que orientarão o futuro da pesquisa bíblica.

RECONHECIMENTOS

As sementes que deram origem a este livro foram semeadas numa série de palestras que proferi no Collège de France em fevereiro de 2012. A série, fruto do convite do meu colega e amigo Prof. Thomas Römer, foi intitulada: "O surgimento do Reino do Norte em Israel" [The Emergence of the Northern Kingdom of Israel]. Gostaria de agradecer Thomas por seu gentil convite, por sua hospitalidade enquanto estive em Paris e por iniciar o processo de publicação deste livro. O livro foi publicado originalmente em francês, sob o título *Le Royaume Biblique oublié* (Paris, 2013), por Odile Jacob, para o Collège de France.

O livro é também baseado em muitos artigos que escrevi no decorrer de muitos anos, alguns deles com colaboração de outros colegas. Sou devedor a quatro deles, que me garantiram a permissão para sumarizar partes de artigos neste livro: Alexandre Fantalkin (artigo sobre Khirbet Qeiyafa, publicado em *Tel Aviv,* 2012), Oded Lipschits (artigo sobre Jaza e Atarot, publicado em *ZDPV,* 2010), Nadav Na'aman (artigo sobre Siquém da Idade do Bronze Posterior e o Reino do Norte, publicado em *IEJ,* 2005) e Benjamin Sass (artigo sobre a disseminação da atividade escribal no Levante no Ferro I-IIA, a ser publicado em *Hebrew Bible and Ancient Israel*).

A preparação deste livro foi apoiada pelo Chaim Katzman Archaeology Fund da Universidade de Tel Aviv. Sou grato a Myrna Pollak por seu grande profissionalismo ao editar o manuscrito, e a Alexander Pechuro e minha aluna Maayan Mor, pela preparação das figuras.

ABREVIATURAS

AB	Anchor Bible
ABD	*Anchor Bible Dictionary*. Editado por D. N. Freedman. 6 vols. New York: Doubleday, 1992.
ABS	Archaeology and Biblical Studies
AJA	*American Journal of Archaeology*
AASOR	Annual of the American Schools of Oriental Research
AOAT	Alter Orient und Altes Testament
BA	*Biblical Archaeologist*
BASOR	*Bulletin of the American Schools of Oriental Research*
Bib	*Biblica*
BJS	Brown Judaic Studies
BN	*Biblische Notizen*
CBQ	*Catholic Biblical Quarterly*
EI	*Eretz-Israel: Archaeological, Historical and Geographical Studies*
HBAI	*Hebrew Bible and Ancient Israel*
IEJ	*Israel Exploration Journal*
JAS	*Journal of Archaeological Science*
JBL	*Journal of Biblical Literature*
JHS	*Journal of Hebrew Scriptures*
JNES	*Journal of Near Eastern Studies*
JNSL	*Journal of Northwest Semitic Languages*
JSJ	*Journal for the Study of Judaism*
JSOT	*Journal for the Study of the Old Testament*
JSOTSup	Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series
NEA	*Near Eastern Archaeology*
NEAEHL	*The New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land*. Editado por E. Stern. 4 vols. Jerusalem: Israel Exploration Society and Carta; New York: Simon & Schuster, 1993.
OBO	Orbis biblicus et orientalis

OLA	Orientalia Lovaniensia Analecta
OTL	Old Testament Library
PEQ	*Palestine Exploration Quarterly*
PJb	*Palastinajahrbuch des deutschen evangelischen Instituts fur Altertumswissenschaft des Heiligen Landes zu Jerusalem*
RB	*Revue Biblique*
SBLABS	Society of Biblical Literature Archaeology and Biblical Studies
SBLMS	Society of Biblical Literature Monograph Series
SBLSBL	Society of Biblical Literature Studies in Biblical Literature
SBLSymS	Society of Biblical Literature Symposium Series
SHANE	Studies in the History of the Ancient Near East
SJOT	*Scandinavian Journal of Old Testament*
UF	*Ugarit-Forschungen*
VT	*Vetus Testamentum*
VTSup	Supplements to Vetus Testamentum
ZAW	*Zeitschrift fur die Alttestamentliche Wiessenschaft*
ZDPV	*Zeitschrift des Deutschen Palastina-Vereins*

INTRODUÇÃO: POR QUE UM LIVRO SOBRE O REINO DO NORTE?

Na primeira metade do século VIII a.C., Israel governou sobre a maior parte do território dos dois reinos hebreus (fig. 1) e sua população representava três quartos dos povos de Israel e Judá combinados (Broshi e Finkelstein, 1992). Israel foi mais forte do que Judá tanto militar quanto economicamente e, na primeira metade do século IX e primeira metade do século VIII – quase metade do tempo em que os dois reinos coexistiram – Israel dominou o Reino do Sul. Ainda assim, Israel ocultou-se sob as sombras de Judá, tanto na histórica contada na Bíblia Hebraica, quanto na atenção prestada pela academia moderna.

1. Historiografia e memória histórica

A história do Antigo Israel na Bíblia Hebraica foi escrita por autores judaítas[1] em Jerusalém, a capital do Reino do Sul e eixo da dinastia davídica. Dessa forma, ela transmite ideias judaítas no tocante a território, realeza, templo e culto. Além do mais, mesmo o que alguns acadêmicos entendem como as mais antigas camadas da história do Israel Antigo, como os livros de Samuel (p. ex., McCarter, 1994; Halpern, 2001; Römer e De Pury, 200, 123-28; Hutton, 2009), foram escritas após o Reino do Norte ter sido subjugado pela Assíria e após sua elite ter sido deportada. No final do século VII, quando a primeira camada da História Deuteronomista foi compilada (Cross, 1973, 274-88; Na'aman, 2002b; Römer, 2007), o Reino do Norte já

[1] Neste livro, "judaíta" é utilizado como adjetivo para termos relacionados ao Reino de Judá (também descrito aqui como "Reino do Sul"), como cerâmica judaíta. "Da Judeia" é utilizado para referir-se a regiões geográficas, como o deserto da Judeia. "Israel" geralmente refere-se ao Reino do Norte, enquanto "Antigo Israel" refere-se ao povo do Idade do Ferro – Norte e Sul combinados. Em "Dois Reinos Hebreus", eu adiro ostensivamente à ideologia dos autores judaítas-judeanos tardios, mas, ao mesmo tempo, reconheço as proximidades e diferenças em sua cultura material e mundo cognitivo (veja mais em Finkelstein, 1999a).

FIGURA 1: Mapa de Israel e Judá no século VIII a.C.

era uma memória vaga e remota, com quase um século de idade, e isso num período sem continuidade da atividade escribal. É verdade que tradições israelitas foram incorporadas na Bíblia Hebraica. Refiro-me a blocos como o Ciclo de Jacó em Gênesis (De Pury, 1991), a tradição do Êxodo (Van Der Toorn, 1996, 287-315), o que é conhecido como "Livro dos Salvadores" em Juízes (Richter, 1966), tradições positivas concernentes ao rei Saul em Samuel, as histórias proféticas de Elias--Eliseu em Reis e os dois profetas do norte Oseias e Amós (para o impacto dos textos do Norte na Bíblia Hebraica, veja Schiedewind, 2004; Fleming, 2012). Essas tradições podem ter impactado Judá na forma oral ou escrita.

Os textos originais do Norte – ou ao menos alguns deles – podem ter sido escritos tão cedo como na primeira metade do século VIII a.C. na capital Samaria ou no templo de YHWH em Betel, localizado na fronteira norte de Judá (também Fleming, 2012, 314-21; para uma data posterior de compilação em Betel, veja Knauf, 2006; Davies, 2007a, 2007b; para a arqueologia de Betel, veja Finkelstein e Singer-Avitz, 2009). Ambos, textos escritos e tradições orais, foram provavelmente trazidos para Judá por fugitivos israelitas depois da queda de Israel em 720 a.C. (Schniedewind, 2004; Finkelstein e Silberman, 2006b); estimativas do crescimento demográfico de Judá do Ferro IIA ao Ferro IIB (século IX ao final do VIII/início do século VII a.C.) indicam que, em períodos posteriores da monarquia, grupos israelitas formaram uma significativa parte da população do Reino do Sul (Finkelstein e Silberman, 2006b). As tradições do Norte foram incorporadas ao cânon judaíta tanto por suportarem a ideologia judaíta ou por necessidades políticas de Judá, ao absorverem uma significante parte da população israelita no reino. No último caso, tradições originalmente israelitas foram submetidas à necessidade e ideologia judaíta, como no caso do livro de Samuel, que incorporou tradições negativas do Norte sobre o fundador da dinastia davídica, mas as distorceu para limpar Davi de todas as suas transgressões (McCarter, 1980a; Halpern, 2001). Assim, mesmo aqui, as vozes genuínas e originais de Israel mal podem ser ouvidas na Bíblia Hebraica.

A ideologia política da História Deuteronomista na Bíblia representa uma realidade posterior à queda do Reino do Norte. Ela é

"judá-cêntrica", argumentando que todos os territórios que certa vez pertenceram a Israel devem ser governados por um rei davídico, que todos os hebreus devem aceitar o governo da dinastia davídica e que todos os hebreus devem cultuar ao Deus de Israel no templo em Jerusalém. A história do Reino do Norte é, portanto, mais curta e de tom negativo;[2] enquanto os indivíduos hebreus podem juntar-se à nação se aceitarem a centralidade do templo e da dinastia de Jerusalém, seu reino e seus reis são vistos como ilegítimos.

Somente a Jeroboão I e Acab são destinadas relativamente grandes porções de texto, mas, não é necessário repetir, o tom de tais textos é negativo. Por exemplo, Jeroboão I, o fundador do Reino do Norte, é descrito como o apóstata primordial, o indivíduo cujos pecados condenaram o Norte desde o princípio (Cross, 1973, 274-88). O reinado de outros reis israelitas do Norte é resumido em poucas sentenças. Somente seis versículos são dados a Amri, o fundador da mais celebrada dinastia do Norte, o rei pelo qual o nome de Israel é conhecido nos registros assírios. Somente um desses versículos é informativo, isto é, não formulado por natureza. Sete versículos são destinados a Jeroboão II, um dos reis mais importantes da história dos dois reinos hebreus, que governou por aproximadamente 40 anos (788-747 a.C.) e conquistou amplos territórios. Muito pouco é dito sobre a capital Samaria, e se conhece relativamente pouco sobre cidades interioranas e vilarejos. Isso se dá pela sua distância de Jerusalém e a falta de conhecimentos diretos do autor sobre a paisagem. Um bom exemplo do último caso é o território israelita da Transjordânia. Somente algumas cidades são mencionadas nessa área, sendo que seu tamanho equivale ao planalto do território de Judá, do qual a Bíblia menciona o nome de aproximadamente cinquenta cidades.

A situação é amplificada pelo fato de que estudos bíblicos, arqueológicos e históricos do Antigo Israel têm sido dominados pela tradição histórica judaico-cristã, que foi formatada, por sua vez, pela Bíblia Hebraica, isto é, pelo texto judaíta. A Bíblia é o que é, e por isso

[2] No livro de Crônicas, que foi escrito muito tempo depois do livro de Reis, provavelmente não antes do século III a.C., e que representa a teologia e ideologia política do Segundo Templo, a história do Reino do Norte é quase evitada em sua totalidade.

os estudos acadêmicos basicamente lidam com Judá sob a perspectiva judaíta de Israel, que foi formulada aproximadamente um século após o colapso do Reino do Norte.

A pesquisa arqueológica pouco equilibra esse panorama. A Judá da Idade do Ferro foi exaustivamente estudada. Jerusalém é uma das cidades mais escavadas do mundo, especialmente nos últimos cinquenta anos, e praticamente todos os maiores sítios do campo têm sido escavados: Masfa e Hebron, nas montanhas; Laquis e Bet-Sames, na Sefelá; e Bersabeia e Arad, no vale de Bersabeia. Israel não foi privada de investigações. A capital Samaria foi exaustivamente escavada duas vezes no passado e a maioria dos sítios do interior também foram explorados. Refiro-me a Betel, Siquém e Tell el-Far'ah (Tersa), na região montanhosa, Gazer no sudoeste, Dor no litoral e Meguido, Jezrael, Hasor e Dã, nos vales do Norte. Em adição, o interior do Reino do Norte – nas terras altas e terras baixas igualmente – tem sido meticulosamente investigado em expedições arqueológicas que permitiram o desenho dos mapas de assentamento no período. É a pesquisa de campo, então, que possibilita a alguém escrever uma história de Israel baseada na arqueologia, sem a ideologia judaíta e, no final, que permite alcançar uma reconstrução mais balanceada da história do Antigo Israel no geral, e dos dois reinos hebreus em particular.

Este livro conta a história do Reino do Norte, principalmente em seus estágios formativos. A narrativa principal é a da arqueologia – resultado de escavações e expedições do gênero. Então a história da arqueologia é combinada com o pouco que sabemos sobre textos do Antigo Oriente Próximo e com textos bíblicos que julgamos prover informações genuínas, e não propagandísticas – mesmo memórias vagas – do Reino do Norte.

Em referência a materiais bíblicos que não provêm do círculo do Norte – por exemplo, informações fornecidas pelo livro dos Reis –, a questão, certamente, é como o(s) autor(es) judaíta(s) da monarquia tardia que vivia em Jerusalém sabia sobre eventos que aconteceram séculos antes de sua própria época, em locais distantes de Jerusalém. A resposta é que o(s) autor(es) judaíta(s) devia ter tido acesso a uma lista de reis israelitas com especificações sobre os anos de seus

reinados e alguns fragmentos de informação sobre suas origens e mortes. Essa lista deve ter lhe fornecido conhecimento que possibilitou correlações entre as monarquias israelita e judaíta. A informação que foi incluída nos pequenos versos bíblicos é geralmente acurada, como é assegurado por textos assírios extrabíblicos. Deve ser lembrado que fontes nortistas – se, de fato, postas por escrito em Samaria ou Betel no início do oitavo século – eram muito mais próximas da data dos estágios formativos na história de Israel e Judá no décimo século a.C. que os autores judaítas da monarquia tardia ou tempos posteriores. Tais autores do Norte estavam a mais de um século de distância dessa fase formativa, se comparados aos três séculos para os primeiros autores judaítas do final do século VII a.C. Uma importante fonte de informações podem ter sido os refugiados israelitas que se alocaram em Judá e que podem ter provido materiais escritos ao(s) autor(es) judaíta(s), assim como tradições orais referentes a diferentes locais do território do Reino do Norte, nos dois lados do rio Jordão.

Minha intenção neste livro não é fornecer um completo relato da cultura material e história do Norte na Idade do Ferro. Meu objetivo é lidar principalmente com a situação geopolítica no Sul do Levante, com a história territorial de Israel e o que é descrito na literatura antropológica como "estado formativo", isto é, o desenvolvimento de entidades territoriais com aparatos e instituições burocráticas. Ênfase especial será dada ao impacto do desenvolvimento histórico do ambiente e aos processos de longa duração que ditaram a história do Norte no término do segundo e início do primeiro milênio a.C.

O escopo cronológico deste livro vai do Bronze Posterior II até o Ferro IIB. Em termos cronológicos, esse é o período de tempo entre os anos 1350 e 700 a.C. Entretanto, a discussão principal se concentrará num curto período de tempo: a ascensão do governo territorial nas terras altas de Israel entre 1000 e 850 a.C. A Idade do Bronze Posterior é discutida principalmente enquanto modelo pelo qual obtivemos razoavelmente boas matérias históricas e arqueológicas. O último século na história do Norte é mencionado somente de passagem, no final do livro. O capítulo final lidará com a população

em Judá depois de 720 a.C., um fenômeno crucial para a formatação da Bíblia Hebraica.

2. Avanços recentes na Arqueologia

Um esclarecimento sobre a cronologia tem lugar aqui. Nosso conhecimento sobre a cronologia – tanto absoluta quanto relativa – dos estratos da Idade do Ferro e monumentos no Levante tem sido verdadeiramente revolucionado. Em termos de cronologia relativa, a intensificação do estudo da recomposição de cerâmicas de contextos estratigráficos seguros em sítios como Meguido e Tel Rehov, no Norte, e Laquis, no Sul, abriram caminho para o estabelecimento de uma divisão segura da Idade do Bronze em seis fases tipológicas na cerâmica: Ferro I Antigo e Tardio (Arie, 2006; Finkelstein e Piasetzky, 2006), Ferro IIA Antigo e Tardio (Herzog e Singer-Avitz, 2004, 2006; Zimhoni, 2004a; A. Mazar et al., 2005; Arie, 2013), Ferro IIB e Ferro IIC (Zimhoni, 2004b). Em termos de cronologia absoluta, estudos intensivos de radiocarbono possibilitaram uma datação precisa destas fases numa resolução de cinquenta anos ou menos. Isso agora pode ser feito livre de antigos argumentos, que eram baseados numa leitura acrítica do texto bíblico (p. ex., Yadin, 1970; Dever, 1997). Neste livro usarei datas resultantes de dois estudos:

(1) Um modelo estatístico baseado num grande número de determinações de radiocarbono: 229 resultados de 143 amostras vindas de 38 estratos em 18 sítios localizados no Sul e Norte de Israel (Finkelstein e Piasetzky, 2010, baseados em Sharon et al., 2007, e outros estudos; tabela 1 aqui).[3] Os resultados de radiocarbono de Israel são os mais intensivos num período tão curto de tempo e num pedaço tão pequeno de terra já apresentado na arqueologia do Antigo Oriente Próximo.

[3] O modelo divide o período discutido neste livro com leve diferença das seis fases de cerâmica mencionadas acima. Ele adiciona o Bronze Tardio II, divide o Ferro I em três, em vez de duas fases, e termina com o Ferro Tardio IIA. A razão para isso é a curva de calibração de radiocarbono Hallstatt Plateau, que previne fornecer datas acuradas que venham do contexto do Ferro IIB e Ferro IIC.

Tabela 1: Data das fases de cerâmica no Levante e transição entre elas de acordo com resultados recentes de radiocarbono (baseadas no modelo Bayesiano, com 63 por cento de concordância entre o modelo e a data).

Fase Cerâmica	Data da Fase [a.C.]*	Transição entre fases [a.C.]
Bronze Tardio III	-1098	
		1125-1071
Ferro Antigo I	1109-1047	
		1082-1037
Ferro Médio I	1055-1028	
		1045-1021
Ferro Tardio I	1037-913	
		960-899
Ferro Antigo II A	920-883	
		902-866
Ferro Tardio IIA	886-760	
		785-748
Ferro Transicional IIA/B	757-	

* O início da primeira fase e final da última fase não podem ser determinados pelos dados colhidos.

(2) Um modelo estatístico de um único sítio – Meguido: cerca de 100 determinações de radiocarbono de aproximadamente 60 amostras de 10 camadas em Meguido, que cobrem cerca de 600 anos entre cerca de 1400 e 800 a.C. (Toffolo et al., em breve; demonstração na figura 2). Meguido é especialmente confiável para tal modelo porque o intervalo de tempo em questão apresenta quatro grandes camadas de destruição que produziram muitas amostras orgânicas de contextos confiáveis. Isto também não tem precedentes: nenhum outro sítio jamais produziu tamanho número de resultados para uma sequência estratigráfica tão densa.

O modelo geral (tabela 1) representa uma abordagem conservadora de determinação de datas. Ela cria algumas sobreposições nas datas das fases e uma gama bastante ampla para a transição entre os períodos. Quando este modelo é adaptado a um arrazoado histórico

(p. ex., o final do domínio egípcio no Bronze Posterior III), conseguimos as seguintes datas, que serão usadas neste livro (Finkelstein e Piasetzky, 2011):

Bronze Tardio III: século XII até cerca de 1130 a.C.

Ferro Antigo I: final do século XII e primeira metade do século XI a.C.

Ferro Tardio I: segunda metade do século XI e primeira metade do século X a.C.

Ferro Antigo II: últimas décadas do século X e início do século IX a.C.

Ferro Tardio IIA: restante do século IX e início do século VIII a.C.

Ferro IIB: restante do século VIII e início do século VII a.C.

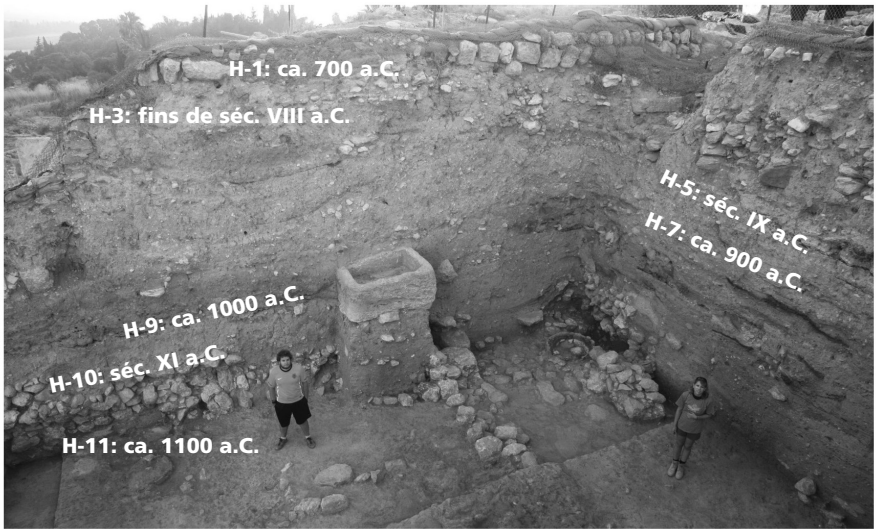

FIGURA 2: Os obstáculos ocidentais e orientais da Área H em Meguido, demonstrando as diferentes camadas e suas datas absolutas e relativas.

Diversos desenvolvimentos adicionais na arqueologia do Levante nos últimos anos facilitaram a compilação de uma história baseada na arqueologia do Reino do Norte de Israel:

(1) A despedida do conceito de uma grande monarquia unida nos dias dos fundadores da dinastia davídica. De acordo com a Bíblia Hebraica e a visão tradicional na erudição bíblica e arqueológica,

que fundou-se sobre uma leitura acrítica da história bíblica, a monarquia unida foi governada desde Jerusalém e expandiu-se sobre toda a terra de Israel. De acordo com algumas referências bíblicas, provavelmente retratando realidades da Idade do Ferro, ela estendeu-se de Dã até Bersabeia (2Sm 3,10; 1Rs 5,5). De acordo com outra versão, provavelmente inserida no período persa, ela estendeu-se sobre um território muito mais amplo (1Rs 5,4). Do lado da erudição bíblica, é evidente hoje que a ideia bíblica de uma grande monarquia unida é uma construção literária que representa uma ideologia territorial, conceitos monárquicos e ideias teológicas da monarquia tardia e autores judaítas (p. ex., Van Seters, 1983, 307-12; Knauf, 1991, 1997; Miller, 1997; Niemann, 1997; Finkelstein e Silberman, 2006a). Do lado da arqueologia, ficou evidente, entre outras razões graças aos estudos de radiocarbono demonstrados acima, que os monumentos tradicionalmente percebidos como representações da grande monarquia unida do século X a.C. foram de fato construídos durante o governo da dinastia omrida em Israel no século IX a.C. (resumo em Finkelstein, 2010). Esse desenvolvimento na pesquisa trouxe um novo entendimento sobre os dias dos reis omridas – especialmente suas edificações e a estrutura demográfica de seu reino. A morte da monarquia unida enquanto realidade histórica significa que os dois reinos hebreus emergiram paralelamente um a outro, enquanto entidades independentes uma da outra, em consonância com a história de longa duração das terras altas na Idade do Bronze e Ferro.

(2) Os avanços no estudo da cronologia absoluta e relativa no estrato do Ferro II no Levante, como descritos acima, estão por detrás do reconhecimento de que, nos vales do Norte, o Ferro I ainda apresenta cultura material e disposição territorial "canaanita" (cap. 1).

(3) As pesquisas em grande escala nas terras altas, incluindo a área central do Reino do Norte, tornaram possível a produção de um mapa dos assentamentos das diferentes fases da Idade do Ferro e, portanto, abriram caminho para um entendimento de maiores nuances da demografia, economia e mudanças sociais envolvidas na ascensão das entidades norte-israelitas.

3. Perspectiva pessoal

Meu envolvimento no estudo do Reino do Norte deriva de diversos estágios de minha carreira como arqueólogo de campo. A intensa pesquisa que conduzi na região montanhosa do norte de Jerusalém nos anos 1980 trouxe à minha atenção a natureza especial das terras altas de uma perspectiva social e econômica (para um pano de fundo, veja Alt, 1925b; Marfoe, 1979). Isso também chamou minha atenção à intensidade da atividade de assentamentos nas áreas norte de Jerusalém na Idade do Ferro relativas ao território sul e à natureza cíclica e de longa-duração dos processos de assentamento nas terras altas (Finkelstein, 1995). Não é necessário dizer que o entendimento da história de assentamentos das terras altas nos termos da história cíclica permanece contrastando com um conceito principal de autores bíblicos (seguidos por muitos estudiosos modernos), nomeadamente, que o Antigo Israel foi um fenômeno único e que a história israelita foi naturalmente linear, da conquista à sedentarização, a um período de líderes carismáticos (juízes), à monarquia e à ascensão de reinos territoriais. Perceber isso também chamou minha atenção aos historiadores franceses dos *Annales* (p. ex., Bloch, 1952; Braudel, 1958), de acordo com quem processos de longa duração e desenvolvimentos interioranos não são menos influenciadores que acontecimentos importantes como campanhas militares ou assuntos nos corredores de poder no palácio e templo. Em suma, as pesquisas nas terras altas iluminaram processos históricos importantes, assim como a escassez de assentamentos na Idade do Bronze Posterior, a natureza da onda de assentamentos do Ferro I, a estabilidade da atividade de assentamentos na maior parte das áreas durante a Idade do Ferro opostamente a processos de abandono em uma área (no platô de Gabaon) no início do Ferro IIA e o declínio de assentamentos no sul da Samaria, depois da queda do Reino do Norte em 720 a.C.

Minhas escavações no sítio de Silo, no início dos anos 1980, me ajudaram a compreender a cultura material nas terras altas e a natureza do Ferro I – período do surgimento do Antigo Israel (Finkelstein, 1988). Em adição, os resultados das pesquisas e a escavação de Silo

gradualmente intensificaram minha atenção à complexidade das fontes bíblicas na história antiga de Israel.

Começando nos anos 1990, voltei-me às terras baixas e especialmente ao Vale de Jezrael. As escavações que conduzi durante os últimos vinte anos, juntamente aos colegas e alunos em Meguido, abriram caminho para um melhor entendimento da Idade do Ferro nos vales do Norte.[4] Primeiro e mais importante, preparando-me para a escavação em Meguido, notei os problemas da datação tradicional do estrato e monumentos da Idade do Ferro e do Levante. Isso me levou a propor a "cronologia baixa" para a Idade do Ferro (Finkelstein, 1996a), um sistema cronológico que agora é apoiado por estudos de radiocarbono e que ajudaram a revolucionar o que sabíamos do Reino do Norte. A escavação em Meguido facilitou meu entendimento de outras questões que são discutidas neste livro. Uma delas é o estudo da fase final da Idade do Bronze Posterior nos vales do Norte. Outra é a excepcional – e até recentemente não totalmente compreendida – prosperidade do final do Ferro I, especialmente no vale de Jezrael. Eu nomeei esse "canto do cisne" de cultura material canaanita e disposição territorial de "Nova Canaã", um termo que agora prevalece na academia. A escavação em Meguido também chamou a uma renovada investigação dos traços da cultura material do norte na transição do segundo ao primeiro milênios (do canaanita ao israelita, como alguns estudiosos referem-se a esse processo). Paralelamente às escavações de Meguido, conduzi – também com membros da Expedição Meguido – duas temporadas de pesquisa arqueológica no vale de Jezrael, com o objetivo de entender o sistema de assentamento que correspondeu às principais fases de ocupação no centro do sítio de Meguido. Os resultados deste trabalho demonstraram dramáticas diferenças entre a história de assentamentos nos vales do norte e nas terras altas centrais.

Em suma, trinta anos de trabalho de campo nas terras altas e baixas do Israel Norte pavimentaram o caminho para um novo entendimento da arqueologia e história do Antigo Israel. Esse novo

[4] Para tópicos discutidos neste livro, sou especialmente grato aos seguintes membros da Expedição Meguido (do passado e presente): codiretores David Ussishkin, Eric H. Cline e Baruch Halpern; e membros sêniores da equipe Matthew J. Adams, Eran Arie, Norma Franklin, Yuval Gadot e Mario A. S. Martin.

entendimento resultou em uma série de artigos que lidaram com muitos aspectos da cultura material, transformações nos assentamentos e história territorial da Idade do Ferro, os quais foram todos incorporados (e citados) neste livro.